

FRUTOS DA COLÔNIA PENEDO: UMA IDENTIDADE FINLANDESA NOS TRÓPICOS

*Lila Almendra Praça de CARVALHO**

RESUMO: o artigo analisa as trajetórias de vida dos imigrantes finlandeses estabelecidos em Penedo, no Rio de Janeiro quando ali fundou-se uma colônia utópica, na primeira metade do século XX. Através do olhar sobre suas trajetórias e discursos, pretendeu-se problematizar a configuração de uma identidade finlandesa nos trópicos, tanto durante como após a dissolução do projeto coletivo de colonização.

PALAVRAS-CHAVE: Imigração. Utopia. Identidade. Finlandeses.

A Finlândia é terra dos lobos e ursos.
(UUSKALLIO apud VALTONEN, 1998, p.24).

Introdução

Em fins do século XIX e início do XX houve na Finlândia uma onda de emigrações utópicas conhecida como febre dos trópicos (PELTONIEMI, 1985), que gerou inúmeras colônias finlandesas baseadas em diferentes ideologias – principalmente na América do Norte. A imigração do grupo de finlandeses para a Fazenda Penedo, no sul do Rio de Janeiro, integra esse fenômeno e teve especialmente os temas de nutrição e saúde como principais dispositivos em torno da saída do país nórdico, de onde vieram famílias e indivíduos em busca de uma vida mais saudável e próxima à natureza.

* UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Rio de Janeiro – RJ – Brasil. 20071-003 - almendralila@gmail.com.

Neste artigo utilizamos relatos e entrevistas com colonos de Penedo e seus descendentes, bem como entrevistas com pesquisadores finlandeses. Nosso intuito é o de problematizar o percurso de estabelecimento dos imigrantes em Penedo, desde a construção da Colônia Penedo até sua dissolução e conseqüente direcionamento ao turismo rústico, que em fins do século XX se desenvolve baseando-se sobretudo na noção de uma identidade finlandesa a fim de distinguir-se.

Ainda em fins do século XIX, Kropotkin (1885) identifica elementos étnicos presentes posteriormente na colonização de Penedo. Uma das características atribuídas pelo autor ao indivíduo finlandês é a capacidade de contemplação da natureza e sua conexão com lagos e florestas. Antecipando a busca por um tipo de vida mais modesto de algumas das posteriores colônias finlandesas, o autor afirma que “[...] a simplicidade de vida rege todas as classes da sociedade finlandesa, a insalubre luxúria das cidades europeias é desconhecida dos finlandeses” (KROPOTKIN, 1885, p.3), apresentando ideais defendidos pelo líder étnico e seus seguidores.

O território da Finlândia havia sido controlado pela Suécia por cerca de sete séculos, e posteriormente pela Rússia entre 1808 e 1917. A história do povo finlandês foi permeada de luta pela manutenção de sua identidade cultural, e seu idioma sobreviveu durante anos popularmente até tornar-se oficial. No começo do século XX o movimento nacionalista finlandês floresceu: publicou-se a epopeia *Kalevala*, compilando cantigas tradicionais da cultura finlandesa e, em 1882, o idioma finlandês foi alçado à oficialidade (COSTA; KOJO, 1985). Houve também idas à América na tentativa de fugir do controle russo, e essa parece ter sido uma das razões pelas quais houve anos mais tarde o fenômeno emigratório, quando foram estabelecidas algumas colônias utópicas finlandesas nas Américas (SÖDERLING, 2014).

No começo da década de 1920, são três as colônias finlandesas estabelecidas na América Latina: a do Paraguai, *Colonia Villa Alborada* em 1920; a da República Dominicana, *Villa Vakka* em 1930 e a do Brasil, *Colônia Penedo* em 1929 (LÄHTEENMÄKI, 1979). As três citadas se identificam entre si – ideais vegetarianos e cristãos e crenças na construção de um mundo novo e melhor – embora a de Penedo tenha se tornado mais conhecida por seu rumo turístico no decorrer do século XX, enquanto as outras duas extinguíram-se (PELTONIEMI, 1985). A pesquisadora Melkas (2014), em depoimento esboçou opinião em relação às razões presentes no contexto histórico das imigrações utópicas finlandesas:

A maior parte dessas colônias era especial, não eram o tipo usual de migração; tinham uma “mentalidade”, ideias psicológicas e culturais diferenciadas. A Primeira Guerra Mundial foi um desastre na Europa, então pensava-se muito sobre a destruição de parte do mundo ocidental. (MELKAS, 2014, n.p.).

Teorias utópicas e o projeto colonial penedense

Toivo Uuskallio, líder do empreendimento imigratório penedense, fora um agrônomo que havia estudado na Alemanha e parece ali ter aprendido noções progressistas em relação à saúde que colaboraram na estruturação dos ideais do projeto emigratório. Havia também na Finlândia, no início do século XX, uma série de sanatórios – espaços dedicados à cura, emagrecimento e desintoxicação através de métodos naturais – parte do movimento naturalista, também difundido por periódicos, como a *Terveys*, que publicava muitos artigos de Uuskallio (PELTONIEMI, 1985). Heranças desses conceitos estimularam o projeto da Colônia Penedo, e muitos dos participantes dos sanatórios constituíram parte do grupo seguidor de Uuskallio e de seu planejamento de comunidade social nos trópicos.

Em 1925, Deus teria lhe enviado “[...] um chamado para deixar a terra natal e emigrar para o sul longínquo.” (UUSKALLIO, 1929, p.3)¹. Incumbido de levar um grupo de imigrantes aos fartos trópicos, acreditava ter sido escolhido por Deus, que lhe mostrou em sonho a fazenda para onde deveria ir. Nessa ocasião, administrava a fazenda da família, Toimela – localizada na região da Carélia, área ocupada pela Rússia até hoje. Melkas (1996) afirma que a união de três vertentes principais foi a base para a criação teórica penedense: os tratamentos naturalistas para saúde, a *Free Church* e as ideias de Uuskallio, vindas de suas próprias reflexões e heranças teóricas utópicas. O vegetarianismo estava em voga na Finlândia e era encontrado na bíblia pelos seguidores da *Free Church*, dirigida por Akseli Skutnabb. Seus seguidores acreditavam que o fim do mundo estaria próximo e que a Europa seria invadida e tomada pelos mulçumanos.

Dentre os autores utopistas seguidores de ideais ecológicos, Geus (1999) enumera três anteriores à fundação da colônia no Brasil: o primeiro é Thomas More, que em sua descrição da sociedade ideal tinha preocupações sociais, econômicas e também ecológicas, pois vivia um momento de altos contrastes na sociedade inglesa. O segundo representante de uma teoria da suficiência é o norte-americano Henry Thoreau, que defendia uma vida simples e livre de excessos e propunha uma volta individual à natureza, de onde se poderia viver sem as necessidades que creem ter os homens das sociedades contemporâneas². O terceiro e último representante de teorias sustentáveis é o russo Peter Kropotkin, herdeiro de Proudhon e Bakunin (este último foi quem reelaborou as teorias anarquistas com o intuito de torná-las científicas). Suas ideias centrais – que parecem ser herdeiras daquelas trazidas para o Brasil pelos finlandeses – relacionam-se a noções de ajuda mútua, solidariedade,

¹ “Era mais uma profecia que decisão”. (UUSKALLIO, 1929, p.3).

² Liisa Uuskallio relata a similaridade com o primeiro desejo de Toivo, de ida para a floresta e vida independente dos produtos citadinos (MELKAS, 1996).

cooperação, autogoverno, harmonia, equilíbrio e comunidade. Kropotkin foi ainda o primeiro autor a utilizar o termo comunidade ecológica ao abordar a relação holística entre homem e natureza (GEUS, 1999).

Nas lavouras a perder de vista não se vê praticamente ninguém. Vem a pergunta: onde está o povo desta terra? [...] O desenvolvimento dirige os filhos para as cidades. O campo se esvazia. As cidades crescem e adquirem muitos andares. A lavoura se enfraquece. Vem a escassez da terra. Por que? Porque seus lavradores são desprezados [...]. Devia se combater o desprezo pelo camponês. Ele é uma das facetas da falta de amor pela mãe pátria. E isto suscita a falta artificial de terra com suas consequências ruinosas. (UUSKALLIO, 1929, p.16).

Segundo Hildén (1989), Uuskallio havia refletido sobre a melhor forma de viver, e concluído que seria ideal uma vida simples alheia ao comércio e à sociedade de consumo, próxima da natureza, sem o trabalho escravizante das cidades europeias e as ameaças bélicas do início do século XX. Ele pregava que cada família plantasse em seu jardim para consumo próprio e se revitalizasse ao receber os raios do sol e o ar puro do campo. Seu projeto nos remete à simplicidade defendida por Thoreau; à ideia de comunidade ideal de More; à defesa da abolição da propriedade, do aperfeiçoamento moral e religioso dos indivíduos em conexão com Deus, e sem necessidade de ereção de templos ou Igrejas, como em Tosltoi; e, sobretudo, aos princípios de harmonia, equilíbrio, cooperação e interdependência humana com a natureza, em comunidade ideal agrícola, do autor russo Kropotkin.

Nas palestras proferidas ainda na Finlândia pelo pastor Pennannen – um dos mais atuantes apoiadores de Uuskallio – gerava-se assertivas como “[...] natureza de Penedo, clima e possibilidades grandiloquentes.” (LÄHTEENMÄKI, 1979, p.22). De sua autoria, foi publicado, em Tampere, um livreto intitulado *Fazenda Penedo – um estabelecimento agrícola finlandês no Brasil*, onde se expunha a natureza, o clima e os ideais de Penedo. Ali havia um questionário a ser respondido por indivíduos ou famílias que desejassem se unir ao projeto pagando a viagem e disponibilizando também suporte financeiro para o empreendimento tropical. As perguntas questionavam desde profissão, origem, alimentação, aptidão musical, relação com crenças cristãs e participação em associações e partidos, até o firme propósito de se levar uma vida simples e saudável nos trópicos, sem rixas ou brigas em função de pátrias ou partidos. O questionário completo gerava crenças ilusórias sobre a colônia, e muitos dos participantes parecem ter sido influenciados a compô-la acreditando que já estava consolidada quando de fato estava ainda por ser estabelecida.

Para participarem da colônia, os finlandeses deveriam fazer parte do jogo semântico de seus organizadores: sabia-se relativamente o que devia ser respondido no questionário pelos candidatos a emigrar. Uuskallio acreditava que as pessoas deveriam ter uma religião, mas não impunha qual fosse. Seu projeto esperava que os emigrantes fossem vegetarianos abster-se de café, chá e álcool. Embora a religião não fosse uma determinante na aceitação de integrantes, era evidente a preocupação comportamental – a determinação por uma vida simples e ligada à prática agrícola, às práticas naturalistas e à convivência harmônica.

No seu discurso para os que estavam de partida, Pennanen tinha algumas palavras de cautela: “A nossa ideia principal não é a procura do bem-estar físico. Queremos formar uma nova geração com o lema “*mens sana in corpore sano*”, para ajudar a humanidade a encontrar um caminho melhor. Vocês estão deixando tudo o que é querido para trás e vão partir para uma vida nova e desconhecida que requer muito trabalho, paciência, fé, amor ao próximo, sacrifício e vontade de servir. Tudo isso representa as características da sociedade da qual vocês serão pioneiros. Alegro-me ao ver este grupo garboso, alegre e virtuoso que Deus está mandando para Penedo. (HILDÉN, 1989, p.27).

Viagem em direção aos trópicos

A vinda dos finlandeses escolhidos, por Uuskallio e seu grupo próximo, ocorre no fim do período denominado como a grande migração – entre 1870 até 1930 – e o motivo principal desse deslocamento parece relacionar-se menos à busca por ascensão social do que à atração exercida pelos trópicos – seja por aventura ou busca de cura para doenças – e um novo modo de vida mais saudável e próximo à natureza, a partir da qual, o projeto colonial uuskalliano pregava, se sustentaria a reprodução social coletiva.

Dos motivos daqueles que emigraram, Lähteenmäki (1979) acredita ter sido a saúde um dos principais estímulos à adesão, para onde muitos participantes foram em busca de curas para doenças através do vegetarianismo, seguidamente por motivos relacionados a problemas familiares ou busca por aventuras, evidenciando que parte dos imigrantes não desejava fixar-se ou desconhecia os ideais centrais do projeto. Para Peltoniemi (2014), apesar das muitas identificações entre as emigrações utópicas finlandesas com a de Penedo, o caráter vegetariano e naturalista do empreendimento é marcante em relação a seus similares. Sua sobrinha, Uuskallio (2014), nos disse que:

Ele (Toivo Uuskallio) discursava muito bem, e as pessoas estavam muito entusiasmadas em relação ao novo mundo. Ele conseguiu dessa forma realmente atraí-las, e elas o estavam seguindo cegamente. Ele tinha também uma base religiosa severa, e diz ter tido algumas visões após longo tempo jejuando. (UUSKALLIO, 2014, n.p.).

Ademais, há elementos importantes atribuídos ao projeto de Toivo Uuskallio, agente mobilizador étnico (BARTH, 2005) de cunho marcadamente utópico. Hildén (1989) relata que o pastor Pennanen discursava em prol do projeto:

Temos certeza do sucesso do nosso empreendimento pelas seguintes razões: estamos a serviço de Deus e teremos sempre a Sua ajuda; o dirigente é Toivo Uuskallio que tem todos os atributos necessários: prática, instrução e competência para assumir a liderança da futura colônia. A Fazenda Penedo terá certamente um futuro brilhante e será valorizada devido a sua boa localização; a paisagem é uma das mais bonitas do Brasil, o clima é saudável, as plantações valiosas, madeiras de lei, água, estradas, a sede é uma mansão velha e aristocrática, e há outras construções. (HILDÉN, 1989, p.25).

Em 1929 o primeiro grupo de imigrantes, 26 pessoas, chegou a Penedo, considerado como constituído por indivíduos mais interessados nos ideais coloniais. Fagerlande (1998) relata que, entre 1 de setembro de 1927 a 16 de outubro de 1940, foram 296 os finlandeses que chegaram no porto do Rio de Janeiro, sendo 208 deles registrados como imigrantes. Não há registro exato dos que foram para Penedo, mas sabe-se que em 1929 chegaram ao Brasil um total de 122 colonos, dos quais a maioria direcionou-se a Penedo. Desembarcaram ainda 21 em 1930 e 23 em 1931. De 1932 a 1940 a entrada de finlandeses foi mínima, com exceção do ano de 1938, que registrou a chegada de 19 imigrantes. Em geral os recém-chegados aportavam à cidade do Rio de Janeiro, onde tomavam vacinas e seguiam em quarentena enquanto travavam as primeiras relações sociais e trocavam impressões das novidades dos trópicos. Após esse período seguiam para Penedo, partindo de trem do Rio de Janeiro até a estação de Marechal Jardim de onde iam de carroça ou a pé até o seu destino final.

Dos que vieram a Penedo, a maioria era oriunda das maiores cidades finlandesas ou de suas periferias; por ordem de relevância, Tampere, Helsinki, Viipuri, Turku, Antrea (de onde Uuskallio era originário), Jääski, Laitila, Lempällä, Pori, entre outras. Os indivíduos se dividiam em mais de 40 profissões, sendo principalmente profissionais liberais como professores, comerciantes e oficiais, agricultores, jardineiros e ainda profissionais de colarinho branco (MELKAS, 1996).

Eram cerca de 80% do sexo masculino e a maioria entre 20 e 30 anos, muitos deles jovens ainda sem profissão definida (LÄHTEENMÄKI, 1979). Apesar de Peltoniemi (1985) indicar como nula a participação de agricultores ou fazendeiros em Penedo, Melkas (1996) aponta que houve cerca de 32 fazendeiros ou donos de propriedades (incluindo-se aqui as esposas) e cerca de 4 trabalhadores agrícolas na colônia Penedo. Nota-se que profissionais tais como proprietários, executivos e intelectuais eram em maior número do que os trabalhadores braçais, tais como operários.

Para viabilizar a compra da fazenda, realizada em nome de Uuskallio, muitos participantes se desfizeram de suas casas e entregaram quantia em dinheiro, outros contribuíram com parcela de empréstimos bancários. O dever, no chamado recebido por Uuskallio (1929, p.16), era dirigir-se ao sul com o grupo de “elegidos pelo Senhor” e buscar o despertar da “vida interior” em relação harmoniosa com a natureza e entre os iguais, sem disputas, com trabalho digno e conduta correta. Eles ocuparam a parte baixa da fazenda, onde se localizava a Casa Grande, e reflorestaram grande parte do vale onde antes havia pasto.

Estamos fazendo tudo que está ao nosso alcance para desenvolver Penedo. Quando se vê as inúmeras plantas crescendo da terra considerada pobre e condenada, prometendo frutos para os cultivadores, as lágrimas de alegria enchem os olhos. A natureza é maravilhosa. [...] Penedo começará a produzir e recompensará os seus credores. Dentro de alguns meses iniciaremos as vendas de enxertos de laranjeiras que estão em pleno crescimento e haverá procura para nossos produtos. (UUSKALLIO, 1929 apud HILDÉN, 1989, p.57).

Segundo Peltoniemi (2014), apesar do predomínio de ideais diversos em cada uma das colônias utópicas finlandesas, todas as estabelecidas na América tinham em comum a ideia de retorno à natureza. Da mesma forma, afirma Toivo Sipilä³ (apud PELTONIEMI, 1985, p.124), para quem “[...] Uuskallio pregava o afastamento da bebida, das danças, da sensualidade e da ostentação. Voltemos à natureza. Ele era um naturalista”. Porém, a maioria dos estabelecimentos utópicos finlandeses na América durou pouco tempo e em geral mais da metade dos imigrantes retornava ainda no primeiro ano⁴. Liisa, esposa de Toivo, e uma das primeiras habitantes da colônia, narraram que:

³ Sipilä chegou a Penedo no fim do ano de 1930, segundo os arquivos consultados por Fagerlande (1998).

⁴ Essa observação não difere da média de retorno de outras imigrações, como a dos povos árabes no Rio de Janeiro, dos quais mais de 43% retornou ao país natal, no mesmo período (PINTO, 2010).

Quando chegaram os primeiros imigrantes a vida da fazenda começou trepidante. Todos vieram de ambientes diferentes. Opiniões eram tantas quanto cabeças. Até de noite havia programas com cantos e música e leitura da bíblia, cujo significado não era igual a todos. Fulano mais imprudente bateu com a bíblia na cabeça do sicrano estouvado assim ensinando os dez mandamentos. (UUSKALLIO, 1979, p.14).

Estabelecimento dos imigrantes na fazenda

No início o que havia na fazenda eram mangas, jabuticabas e poucas bananas. Na década de 1930 os colonos plantaram frutíferas – caqui, cítricos, morango, banana e lúxia – por mais de cinco quilômetros de extensão e assim a banana tornou-se abundante, adaptando-se ao clima úmido do local. Uuskallio (1979) defendia que o homem se alimentasse basicamente de frutas, nozes, castanhas e vegetais. Para ele, o homem não deveria consumir alimentos estimulantes como o café, o chá ou álcool. Como não havia nozes variadas, os colonos consumiam amendoim, único produto similar encontrado (VALTONEN, 1979).

Dormiam todos juntos no casarão principal da fazenda, e faziam as refeições em cozinha coletiva. Essa cozinha ficava na antiga leiteria e sua dieta contumaz compunha-se de arroz, feijão, tomate, cenoura, alface e repolho crus, o que não era suficiente mesmo para os vegetarianos, acostumados com um regime mais variado e abundante em batata, que ali não existia. Após o café da manhã – água quente com açúcar mascavo e pão caseiro com gordura de coco – os finlandeses se reuniam em grupos e recebiam ferramentas para o trabalho na lavoura, estradas e construções (HILDÉN, 1989). Eles tinham muito o que aprender, pois o clima, a qualidade da terra, o tipo de cultivo, as pragas; todos os elementos diferiam muito dos conhecidos na Finlândia.

A vida é em geral lembrada como alegre e harmoniosa, mesmo com diferenças ideológicas declaradas. Essa memória remete à noção de nostalgia estrutural (HERZFIELD, 1997), pois aborda o tempo passado de modo otimista e nostálgico, quando ele continha elementos também rechaçados, posteriormente deixados de lado em prol de um passado romantizado. As memórias do processo de estabelecimento no Brasil se mesclam e se contradizem, evidenciam a impossibilidade de assertivas ao tratar da formação social desse grupo étnico, ainda que partilhasse da mesma identidade nacional.

Figura 1 – A casa e o cacho de banana, Penedo



Fonte: Turku, Institute of Migration ([s.d.]).

Durante o período colonial, a imigrante Eila Ampula, que havia chegado ainda criança com seus pais (AMPULA, 1997) relata conflitos entre os que trabalhavam, ou ainda entre aqueles que preferiam voltar para Finlândia e os que não.

A vida no Penedo era boa, do meu ponto de vista. Trabalhava-se muito, não eu, os homens na lavoura, que não deu em nada e construindo casas para as famílias que não gostaram em viver na comunidade da Casa Grande, antiga sede da fazenda. As mulheres, na cozinha, na lavanderia ou na horta. Uma semana em cada serviço. (AMPULA, 1997, p.17).

Em seus escritos, Ampula (1997) aponta a razão que fez com que seus pais se unissem ao projeto colonizador, suas péssimas notas na escola. Afirmção que nos leva a crer que muitos dos que se uniram ao projeto de Uuskallio não compartilhavam dos ideais.

Valtonen (1979) que deixou suas memórias escritas foi um dos que veio a Penedo por outras razões; veio cobrar de Uuskallio o dinheiro que seu pai emprestara para a compra da fazenda. Residiu em Penedo por toda sua vida, apesar de ter

se colocado muitas vezes contra os ideais do “círculo central” por não apoiar o vegetarianismo e ironizar o *kuhnir*, prática medicinal muito utilizada na colônia⁵. Segundo ele, todos praticavam o *kuhnir* e a explicação para a manifestação de quaisquer doenças se baseava na presença de elementos estranhos no corpo, que deveriam ser eliminados dos músculos através de sua prática. Em seu relato, Valtonen (1979) diz que:

[...] como estavam vivendo em comunidade ideal, o irmão Uuskallio experimentou um trabalho conforme a consciência. Se alguém estivesse indisposto naquele dia, não se podia esperar que fizesse muito. No dia seguinte, poderia fazer mais e recompensar a perda do dia anterior. (VALTONEN, 1979, p.36).

Segundo ele, Uuskallio nunca devolveu o dinheiro que devia a seu pai – o que fez com que ele se instalasse na fazenda e se adaptasse ao regime coletivo de trabalho e à má remuneração. Ao ser indagado sobre o caráter de Uuskallio, se era um idealista ou um espertalhão, ele responde: “Era as duas coisas” (PRAÇA, 1996, p.26).

Idealizador e articulador da realização do projeto, ele pode ser identificado com o que Barth denomina agente político, indivíduo capaz de estimular uma mobilização étnica⁶. Nesse sentido, a imigrante finlandesa Ampula (1997) o chama de líder.

Este nosso líder tinha ideias originais. Era uma pessoa carismática, bonita, de olhos azuis, penetrantes. Sempre elegante, de terno de linho branco. Falava bem, levava qualquer um no papo. Mudou-se para o Rio, onde seria mais fácil encontrar pessoas com recursos e com tendências para acreditar em fantasias. Fixou residência em um hotel na rua Riachuelo. Permaneceu ali, no mesmo quarto, por vinte anos. De vez em quando ele aparecia no Penedo, trazendo algum dinheiro e muitas promessas. O pessoal, na ausência dele, revoltava-se e ameaçava tomar providências quando aparecesse. Até uma surra prometeram. Mas nada disso ocorria, ao contrário, sempre havia uma reunião com música, canto e orações. Ele vencía sempre. (AMPULA, 1997, p.16).

Em diversas falas, notamos que o papel de Uuskallio – enquanto articulador de uma organização social coesa – foi primordial na manutenção e na mobilização

⁵ Segundo a teoria do *kuhnir*, toxinas impregnadas no corpo seriam eliminadas ao sentar-se no rio deixando a água correr nas nádegas.

⁶ Os grupos étnicos podem ter projetos nacionalistas imputados a eles por seus agentes políticos e, subsequentemente, se direcionar na busca de outros fins, ou vice-versa (BARTH, 2005, p.19).

do grupo através de processos de controle social. O estabelecimento dos imigrantes teve, num primeiro momento, sua coesão baseada em sua figura, cujas normas e crenças balizaram as práticas e o modo de vida em torno do casarão e do esforço por tornar a fazenda produtora agrícola de sucesso. As atividades comerciais tiveram início com a venda de enxertos de cítricos, principalmente mudas de laranjeiras, negociados com os laranjais da baixada fluminense.

Estamos fazendo tudo que está ao nosso alcance para desenvolver Penedo. Quando se vê as inúmeras plantas crescendo da terra considerada pobre e condenada, prometendo frutos para os cultivadores, as lágrimas de alegria enchem os olhos. A natureza é maravilhosa. [...] Penedo começará a produzir e recompensará os seus credores. Dentro de alguns meses iniciaremos as vendas de enxertos de laranjeiras que estão em pleno crescimento e haverá procura para nossos produtos. (UUSKALLIO, 1979 apud HILDÉN, 1989, p.57).

A produção aconteceu principalmente de 1935 a 1940, sendo que no primeiro ano houve um *boom* nas vendas (VALTONEN, 1979), mas a demanda diminuiu na Segunda Guerra. Os laranjais deixaram de comprar as mudas e causando enorme sobra. Em fins da década de 1930 e durante a de 1940 muitas famílias transformaram suas casas em pensões – construindo suítes anexas ou realizando adaptações –, onde ofereciam refeições juntamente aos familiares. Algumas delas foram as das famílias de Uuskallio, Suni, Bertell, Reiman e a da Dona Hiljia (PRAÇA, 2014).

Figura 2 – Pensão finlandesa dos Bertell



Fonte: Pohjanpalos (1952).

Apesar das atividades econômicas, a hipoteca não conseguiu ser paga, e em 1942 Uuskallio vendeu três quartos da fazenda restando a menor parte das terras para os finlandeses (LÄHTEENMÄKI, 1979). Alguns construíram casas no território que lhes cabia e que ainda hoje é a área conhecida como península dos toivos. Em meados da década de 1940, os colonos mantinham um cotidiano conectado a práticas agrícolas; Suni e Sipilä fizeram uma horta em sociedade e vendiam em Resende nas quitandas e na Escola de Guerra⁷. Hildén (1989) conta que sua família passou a receber hóspedes por ser mais rentável do que a venda de verduras. Para isso, construíram uma sauna à beira do Ribeirão das Pedras.

[...] todas as casas finlandesas eram simples mas bem limpas e aconchegantes, decoradas com artesanato caseiro. Algumas donas de casa faziam trabalhos no tear manual para vender, especialmente tapetes. O material era o mesmo das roupas: sacos de algodão usados para ração de galinhas, pano tingido com tintas de anilina de diversas cores e cortados em tiras. Os hóspedes gostavam dos tapetes, compravam para suas casas e levavam de presente para os amigos. Foi o começo do artesanato em Penedo. Alguns sítios tinham plantações de bucha e faziam chapéus, bonés, chinelos, bolsas e tapetes. O artesanato de bucha transformou-se em especialidade penedense. (HILDÉN, 1989, p.86).

Segundo Valtonen (1979, p.152), “[...] todos que na colônia prosperaram não seguiram as ideias de Uuskallio. Eles as modificaram e as adaptaram a novas condições”. As utopias estimularam novas possibilidades, surgidas a partir de um projeto que se mostrou inviável. A reconstrução de uma identidade finlandesa em Penedo se deu no processo de negociação de representações culturais apropriadas nos trópicos em conjunção àquelas trazidas pelo grupo de migrantes e que permaneceram ao proporcionarem mais liberdade para a conformação de estratégias de inserção social. Partilhando entre si um conjunto de capital cultural herdado de sua origem comum, esses agentes evidenciam, no processo discursivo de seus relatos, o fato de integrarem uma urdidura ideológica remetida à saúde e a elementos utópicos. Dessa forma, os relatos se relacionam, afirmando ou questionando a validade dessas premissas. A carta de um dos pioneiros é um exemplo:

Senti como é bom começar a trabalhar no lugar que é meu, onde deposito muitas esperanças e onde serão concretizados os meus sonhos. Trepidante de entusiasmo, bati a minha enxada e levantei o primeiro torrão de terra. Peguei-o na mão e senti o seu calor: este pedaço de terra é meu, será parte da minha vida daqui em diante. Esmigalhei a terra e a deixei cair no chão. Continuei cavando até notar

⁷ Hoje AMAN (Academia Militar das Agulhas Negras).

que já estava escurecendo, não tinha reparado o tempo passar. Fui tomado pelo entusiasmo, meu coração palpitou, o sangue circulou com velocidade, minha cabeça encheu-se de pensamentos e sensações, fiquei exaltado, uma alegria inexplicável me invadiu. (HILDÉN, 1989, p.38).

Quando se expressa trepidante de entusiasmo nota-se a utopia do desconhecido, de uma terra e de uma vida que foram há pouco descobertas e que, para ele, prometem trazer felicidade. Hildén (1989) confirma que muitos esperavam encontrar fartura de frutas, e sua família também se frustrou com sua raridade. “No curral antigo já tinha o começo de uma horta bonita. Havia moças louras finlandesas trabalhando com a limpeza dos canteiros de tomate. Ofereceram-me uma fruta que comi e achei gostosa.” (HILDÉN, 1989, p.35). A menina recém-chegada parece ter adquirido uma ideia de Penedo, dos primórdios de uma nova vida, sendo confirmados pelas construções em curso: flores sendo plantadas e horta sendo cultivada como símbolos de uma comunidade que representava mudança e novidades. A junção do estabelecimento de uma nova rotina e tarefas à fruição de momentos prazerosos denota que a tensão entre uma aventura e uma nova vida de trabalho estava presente no discurso dos recém-chegados. Em relação à saída da Finlândia, Hildén (2014) relata o que ouviu de sua mãe sobre seu avô:

O Toivo Suni, meu avô, era fazendeiro e filho de fazendeiro. Plantava cereais, trigo, aveia e tinha umas vacas pra leite. Ele sempre viveu na terra e da terra. [...] Ele era um seguidor do Toivo Uuskallio. Minha mãe costumava dizer que ele era o único que acreditava nas histórias do Uuskallio. [...] Eles sabiam que ia haver outra guerra, conheciam a Rússia, e a Finlândia, então eles queriam sair, queriam estar longe. (HILDÉN, 2014, n.p.).

Hildén (2014) aponta que os outros colonos em geral não comungavam das crenças de Uuskallio. Apesar disso, notamos que em Penedo a questão alimentar e de saúde adquiriu status privilegiado:

Um naturalista inveterado não se conformava em comer na sala escura, levava seu prato para fora para comer uma refeição mais valiosa porque achava que os raios do sol aumentavam o conteúdo de vitaminas na comida. Talvez tivesse razão porque há algumas semanas atrás li um artigo sobre ele numa revista finlandesa. Tem atualmente 102 anos e se encontra em ótimas condições físicas e mentais. (HILDÉN, 1989, p.36).

O consumo de frutas era um dos pilares da crença uuskalliana. “E o abacate? Tem 30 por cento de gordura. Esta sim é uma fruta nutritiva. Cem árvores por hectare. Cem mil quilos de frutas da melhor qualidade.” (UUSKALLIO, 1979 apud VALTONEN, 1979, p.24). Aqui, vê-se que, bastante entusiasmado com os benefícios do abacate, ele contabilizava com otimismo o plantio, evidenciado sua personalidade tida como sonhadora.

Idiosincrasias de uma identidade finlandesa nos trópicos

Depois do fracasso começaram a criar galinhas. Alguns trabalharam em algum tipo de artesanato. Asikainen fazia chapéus, chinelos, etc, de bucha. Ulla e Brusi teciam passadeiras. Os criadores de galinhas resolveram formar uma associação e construir uma casa para as reuniões e também para a venda dos produtos. Toivo Sipilä doou o terreno [...]. Na véspera de São João, 1943, foi inaugurada, mas não chegou a ser exatamente aquilo para o que fora planejada. Tornou-se o nosso lugar de festas. Por causa disto, os sócios religiosos se ofenderam e se retiraram. (AMPULA, 1997, p.26).

O Clube Finlandês, fundado em 1943, marca do encontro dos finlandeses e dos brasileiros veranistas. No clube havia muita bebida – nove entre dez finlandeses vão nos confirmar o quanto seu povo aprecia o álcool (HILDÉN, 2014) – e ele exerceu papel importante na convivência social dos imigrantes, moradores ou turistas. Apesar do declínio do projeto coletivo e de suas respectivas regras (como não consumir bebida alcóolica), Uuskallio manteve papel social proeminente, executando sermões nas comemorações festivas.

O clube tinha no baile um fato social. Ali se sabiam as novidades, ali se faziam negócios, se combinavam construções, se pediam conselhos sobre plantas. Ali dançavam todos juntos. Várias classes sociais, idades sem existir. Jovem, adulto, velho, criança, todos dançavam juntos. Era a dança pela dança. Ir a clube era como ir à casa do amigo. Sem preocupações. Ser sempre recebido. Chegar às vezes cansado e voltar feliz como se visse parentes há muito não vistos. E de volta, devagar, pela estrada, acompanhado os cavalos que subiam, as canções lá deixadas enchiam o caminho ao frio do céu estrelado. (PRAÇA, 1996, p.8).

Assim como Praça (1996), Frederico de Carvalho, brasileiro estabelecido em Penedo nos anos 50, fala sobre Toivo Suni: “Uma tal força de contemplação,

que somava ao espírito o vigor do próprio corpo, e que a este ligava a própria terra, vegetal, mineral, por invisível cordão, uma tal força só poderia ter como objeto o enigma, a esfinge: decifra-me ou te devoro.” (CARVALHO, 1995, p.2). Frederico inadvertidamente retoma o que Kropotkin (1885) havia dito sobre o caráter do povo finlandês, sua conexão inelutável à terra e aos elementos da natureza, e a capacidade contemplativa inerente à valorização de uma existência simples, diferente de outros povos europeus, que segundo Kropotkin (1885) desvalorizavam a vida camponesa e junto à natureza.

“Certa noite estávamos no bailezinho dos sábados, o pequeno baile que um dia me fez tentar fixá-lo como símbolo de tudo aquilo que é triste sabermos um dia, como tudo, também desaparecerá.” (CARVALHO, 1995, p.2). O clube não somente significava um pedaço da Finlândia, mas um lugar de trocas e relativa horizontalidade para os brasileiros, incluídos como parte desse acontecimento que soava democrático ao abrigar uma multiplicidade de gêneros, idades e nacionalidades. Frederico relata a importância de tal manifestação e interação social, legitimando a nostalgia relacionada às utopias e à manutenção de um projeto coletivo diferenciado. A manutenção de uma visão idealizada do grupo imigrante demonstra que os ideais utópicos ultrapassaram suas fronteiras, sendo utilizados pelos brasileiros na descrição dos modos de ser dos colonos, que aparecem como integrados e em harmonia, como o projeto utópico inicialmente previra. A importância do clube parece ter relação com o que se conformou enquanto espaço social no Brasil, expressando a conjunção entre o caráter especificamente finlandês das danças folclóricas e as interações entre finlandeses e brasileiros.

Lá não se ia só dançar. Ia-se também ver os amigos ou rever as fisionomias dos finlandeses que aprendemos a amar. Finlandeses havia com quem nunca se havia falado, mas o fato de vê-los sempre nas suas danças, seus tipos sadios e fortes, seus passos firmes e ritmados, sua língua tão diferente, nos aproximava em afeto de sorrisos ou cumprimentos leves. (PRAÇA, 1996, p.8).

As histórias que os indivíduos criaram para si no âmbito da experiência na Colônia Penedo estão relacionadas às expectativas de outras possibilidades de vida. Os anseios no sentido de estabelecer um modo de vida diferenciado permeiam os discursos e as autonarrativas que gradativamente vão sendo reforçadas, frustradas, contrapostas e reconfiguradas.

O rapaz mais jovem do grupo escreveu para os amigos na Finlândia: É formidável viver neste país tropical e maravilhoso. Trabalho com gosto. Respiro ar puro, ouço o canto dos pássaros, admiro os minúsculos beija-flores. Sinto-me o mais feliz do

mundo! Quando penso que vocês também um dia chegarão aqui, grito de alegria. Nada nos falta. (HILDÉN, 1989, p.23).

Reflexos do discurso utópico dominante se fazem presentes nas memórias dos que ali estiveram. Tal exercício interpretativo foi realizado a partir da análise dos discursos que compunham uma tessitura social e a partir dos significados atribuídos aos ditos dos discursos, pelos descendentes, à parte da generalização atribuída à imigração utópica finlandesa em Penedo e seu projeto hegemônico.

Dentre os elementos que constituem o legado de uma nação estão a memória do passado, o desejo de viver em conjunto e a perpetuação da mesma herança cultural (HALL, 2005), características que parecem emergir nos discursos e nos fazeres dos migrantes, reconfigurando o sentido dado à colônia ao perpetuar e reconformar uma identidade forjada a partir do projeto uuskalliano. Dessa forma, a identidade aqui compreende repertórios que mesclam renovações das práticas a ações tradicionais. Ou seja, ao mesmo tempo em que tencionou romper com as condições modernas presentes no contexto finlandês do início do século XX, associadas à produção industrial e ao modo de vida citadino, logrou perpetuar elementos tradicionais.

O gradual estabelecimento de atividades turísticas em Penedo reforçou uma identidade étnica finlandesa nos trópicos, e reuniu os finlandeses – participantes ou não do projeto inicial – em torno da colônia como dispositivo de atração cultural e símbolo de distinção. A representação da identidade finlandesa foi apropriada e reconformada pelas novas gerações e pelos que ali se estabeleceram.

THE FRUITS OF PENEDO COLONY: A FINNISH IDENTITY IN THE TROPICS

ABSTRACT: *This paper focuses on the life histories of the Finnish immigrants that settled in Penedo, in the southern part of the state of Rio de Janeiro during the first half of the 20th century and on the process of readhesion to the Finnish identity. Through the perspective of their trajectories and discourses, the goal is to problematize the configuration of a Finnish identity in the tropics, during and following the dissolution of the collective colonization project.*

KEYWORDS: *Immigration. Utopia. Identity. Finns.*

Referências

AMPULA, E. **Eila, memórias**. Fortaleza: [s.n.], 1997.

BARTH, F. Etnicidade e o conceito de cultura. **Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia e Ciência Política**, Niterói, n.19, p.1-283, 2005. Disponível em: <http://www.uff.br/antropolitica/revistasantropoliticas/revista_antropolitica_19.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2016.

CARVALHO, F. Uma fome de rude campônio. **Jornal Nariz da Índia**, Itatiaia, p.1-3, set./out. 1995.

COSTA, R.; KOJO, P. **Assim é a Finlândia**. Helsinki: Editora Otava, 1985.

FAGERLANDE, A. A. **Fazenda Penedo, uma colônia finlandesa no Brasil**. Penedo, Itatiaia: Mimeo., 1998.

GEUS, M. **Ecological utopias: envisioning the sustainable society**. Utrecht: International Books, 1999.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HERZFELD, M. **Cultural intimacy: social poetics in the Nation-State**. New York: Routledge, 1997.

HILDÉN, E. **A saga de Penedo: a história da Colônia Finlandesa no Brasil**. Rio de Janeiro: Fotografia Brasileira, 1989.

HILDÉN, H. Entrevista concedida a Lila Almendra Praça de Carvalho. In: CARVALHO, L. A. P. **Os finlandeses de Penedo: uma viagem utópica em direção aos trópicos**. 2014. 113 f. Dissertação (Mestrado de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

INSTITUTE OF MIGRATION. **A casa e o cacho de banana, Penedo**. Turku: Institute of Migration, [s.d.].

KROPOTKIN, P. Finland: a rising nationality. In: _____. **The nineteenth century**, [S.l.], p.527-546, mar. 1885.

LÄHTEENMÄKI, O. Caminhada de oito léguas no Penedo. In: AICHINGER, T. (Org). **50 anos de Penedo: a Colônia Finlandesa – 1929-1979**. Penedo, Itatiaia: Gráfica Escola Profissional Lar dos Meninos, 1979. p.21-30.

MELKAS, E. Entrevista concedida a Lila Almendra Praça de Carvalho. In: CARVALHO, L. A. P. **Os finlandeses de Penedo**: uma viagem utópica em direção aos trópicos. 2014. 113 f. Dissertação (Mestrado de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

_____. **Virkamiehetä viininviljelijäksi Villaricaan**. Turku, Finland: Siirtolaisuusinstituutti, 1996.

PELTONIEMI, T. Entrevista concedida a Lila Almendra Praça de Carvalho. In: CARVALHO, L. A. P. **Os finlandeses de Penedo**: uma viagem utópica em direção aos trópicos. 2014. 113 f. Dissertação (Mestrado de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

_____. **Kohti Parempaa Maailmaa** - Suomalaisten iihannesiirtokunnat 1700- luvulta nykypäivään. Otava: Helsingissä Kunstannusosakeyhtiö, 1985.

PINTO, P. G. H. R. **Árabes no Rio de Janeiro**: uma identidade plural. Rio de Janeiro: Cidade Viva, 2010.

POHJANPALO, J. **Pensão finlandesa dos Bertell**. Turku: Institute of Migration, 1952.

PRAÇA, G. Entrevista concedida a Lila Almendra Praça de Carvalho. In: CARVALHO, L. A. P. **Os finlandeses de Penedo**: uma viagem utópica em direção aos trópicos. 2014. 113 f. Dissertação (Mestrado de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

PRAÇA, T. Há 35 anos, um baile finlandês! **Nariz da Índia**, Penedo, p.8, jul./ago. 1996.

SODERLING, I. Entrevista concedida a Lila Almendra Praça de Carvalho. In: CARVALHO, L. A. P. **Os finlandeses de Penedo**: uma viagem utópica em direção aos trópicos. 2014. 113 f. Dissertação (Mestrado de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

UUSKALLIO, A. Entrevista concedida a Lila Almendra Praça de Carvalho. In: CARVALHO, L. A. P. **Os finlandeses de Penedo**: uma viagem utópica em direção aos trópicos. 2014. 113 f. Dissertação (Mestrado de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

UUSKALLIO, L. Primeiras impressões. In: AICHINGER, T. (Org). **50 anos de Penedo**: a colônia finlandesa – 1929-1979. Penedo, Itatiaia: Gráfica Escola Profissional Lar dos Meninos, 1979. p.11-18.

UUSKALLIO, T. **Na viagem em direção à magia do trópico**. Helsinki: Otava, 1929.

VALTONEN, N. **Sonho do paraíso**: acontecimentos dos finlandeses no Brasil.

Penedo, Itatiaia: Editora Gráfica do Patronato, 1998.

_____. Vislumbres e ocorrências. In: AICHINGER, T. (Org). **50 anos de Penedo**: a colônia finlandesa – 1929-1979. Penedo, Itatiaia: Gráfica Escola Profissional Lar dos Meninos, 1979. p.40-45

Recebido em 30/01/2015.

Aprovado em 01/06/2016.

